

PROJETO IMAGENS E RETRATOS DA EJA

Katiuci Pavei¹

Resumo

O Projeto de ensino e de extensão interdisciplinar Imagens e Retratos da EJA vem sendo realizado desde 2018 junto aos(às) estudantes das turmas de Sociologia do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tal proposta pedagógica visa provocar reflexões e catalisar a produção de narrativas visuais a partir de problematizações sociológicas sobre temáticas relacionadas à EJA. Nesse sentido, os(as) estudantes - enquanto sujeitos de ação e criação - produzem imagens que abordam suas percepções e olhares de si enquanto sujeito discente e de direitos, do coletivo estudantil, da escola, da modalidade de ensino, envolvidos no processo de reconhecer-se nos dados oficiais, pensar-se no contexto da educação brasileira, bem como a autorrepresentação e narrativas de si. A metodologia consiste em encontros semanais, nos quais busca-se promover; debates sobre EJA articulando ao olhar fotográfico observador e ético; exercícios de alfabetização visual; análise de representações sociais; oficinas de introdução, prática fotográfica e edição; registros descritivos e reflexivos por escrito e orais sobre as produções imagéticas; rodas de socialização das fotos e trocas de impressões e experiências; apresentação para a comunidade escolar por meio de exposição. Como resultados podemos destacar um forte engajamento dos(as) participantes, publicações em periódicos acadêmicos e reportagens em sites de organizações educativas, prêmio de destaque de experiência pedagógica e algumas imagens, já podem

1 Mestra em Educação, Licenciada e Bacharela em Ciências Sociais - UFRGS, katiuci.pavei@ufrgs.br

ser acessadas pelo portal de busca google imagens. Desdobramentos que serão feitos por projeto de extensão: fomentar exposições físicas extramuros escolar, criação de um repositório virtual, parcerias com escolas que também ofertam EJA para realizar oficinas. Além disso, serão produzidos com e sobre estudantes audiovisuais.

Palavras-chave: EJA; Educação de Jovens e Adultos; Escola; Imagem; Ensino de Sociologia.

INTRODUÇÃO

Figura 1. *Estão aí*

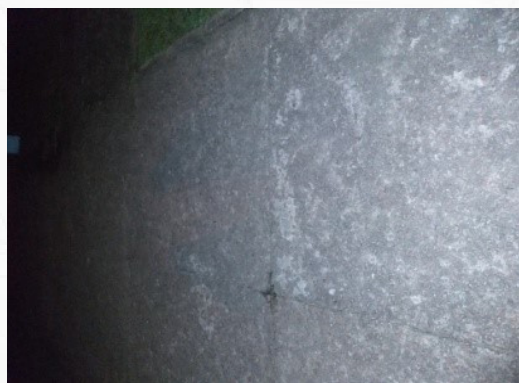
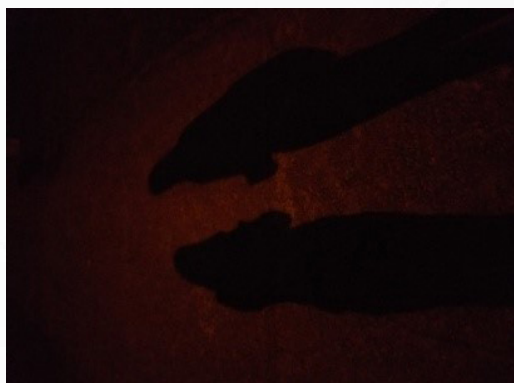


Figura 2. *Basta Olhar, Com Atenção*



Fonte: Katiuci Pavei, 2018

O Projeto Imagens e Retratos da EJA² vem sendo realizado desde 2018 junto aos(as) estudantes das turmas de Sociologia do Ensino Fundamental e do Ensino Médio da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

2 Projeto de ensino e extensão. Atualmente coordenado pela autora e contando com uma equipe de trabalho interdisciplinar: graduandos(as) de Sociologia, pós-graduandas de Antropologia Visual e Educação, arte-educadora, cineasta, fotógrafos, docentes de História, de Sociologia e de Atendimento Educacional Especializado.

Tal proposta pedagógica visa provocar reflexões e catalisar a produção de narrativas visuais a partir de problematizações de cunho sociológico sobre temáticas relacionadas à EJA, potencializando a criatividade e mobilizando como nos propõe Mills (1972): a “imaginação sociológica”. Nesse sentido, os(as) estudantes - enquanto sujeitos(as) de ação e criação - produzem imagens que abordam suas percepções e olhares de si, do coletivo estudantil, da escola, da modalidade de ensino, envolvidos(as) no processo de reconhecer-se nos dados, pensar-se no contexto da educação brasileira, bem como a autorrepresentação e narrativas de si. Imersos(as) no movimento de desenvolvimento da razão e do uso qualificado da informação, que engendre a percepção atenta das reciprocidades entre pessoas e sociedade, biografia e história, isto é, “o que está ocorrendo no mundo e o que pode estar acontecendo dentro deles mesmos” (MILLS, 1972, p.11).

Como pressupostos teóricos embasamos em Freire em sua proposta de “Através da sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens, simultaneamente, criam a história e se fazem seres histórico-sociais” (FREIRE, 1981, p.108). Assim como Arroyo aponta para a radicalidade do referido pedagogo, “Coloca-nos como ponto de partida aproximar-nos de como os educandos pensam-se, sabem-se, inquietam-se por saber mais de si, de seu lugar no mundo, nas relações sociais” (ARROYO, 2017, p.8).

Para Apple (2017), a educação é parte central da sociedade e não algo estranho ou externo, sendo que, nada que é feito em educação pode ser entendido sem a conexão com o social mais amplo, pois ela é parte integral da política, da economia, do contexto histórico e cultural. Portanto, discutir a modalidade de ensino EJA, suas concepções e implicações é essencial no movimento de pensar-se enquanto sujeito de saberes, que resistem aos movimentos de exclusão social e escolar e que lutam por escola, pela efetivação do direito fundamental subjetivo à educação e aos demais direitos individuais, coletivos e sociais humanos.

Para tanto, o currículo é entendido como capaz de “explorar, debater e gerar relatos visuais e performativos que contestem os hegemônicos” (HERNANDEZ, 2013, p.90-91) e, assim, utilizando a metodologia da Cultura Visual, ser capaz de produzir um novo regime de visualidade que possibilite um olhar ampliado sobre a escola e seus sujeitos, principalmente esses

sendo estudantes da EJA, que podem estar atualmente invisíveis socialmente e midiaticamente.

Percebemos certa não visualidade desta modalidade de ensino, por exemplo em busca na internet com as palavras-chave Educação Básica, Ensino Fundamental, Ensino Médio, Escola aparecem imagens apenas de crianças e adolescentes. Consideramos que pode estar intrinsecamente relacionada a uma própria condição de sua (in)visibilização enquanto cidadãos e cidadãs. Invisibilizar, “É uma ação, um ato contínuo, uma aprendizagem” (EGGERT, 2009, p.22), enquanto processo social que induz a noção da não existência, portanto sem memória e esquecíveis.

Assim como observamos que é o status da Educação de Jovens e Adultos, enquanto política educacional brasileira que vem sofrendo redução de vagas e turmas, consequência dos cortes de investimento público, cuja receita em 2014 era de R\$679 milhões; 2017, R\$ 161,7milhões; 2018, R\$68,3 milhões e em 2020, R\$25 milhões, conforme página Siga Brasil do Senado Federal.

Apesar da demanda, uma vez que, a maioria da população brasileira não tem completado a Educação Básica, sendo que 52,1 milhões de brasileiros não concluíram o Ensino Fundamental e outros 19,2 milhões possuem o Ensino Médio incompleto (IBGE, 2020), bem como, Brasil ainda ter 11 milhões de pessoas maiores de 15 anos que não sabem ler ou escrever (BRASIL, 2021).

Conforme o Censo Escolar da Educação Básica 2021 (BRASIL, 2021), em 2021 o número total de pessoas matriculadas na EJA era 3 milhões de brasileiros(as). Em sua composição, a predominância de alunos(as) jovens com menos de 30 anos, que representam 53,5% das matrículas. Nessa mesma faixa etária, a maioria, 53,7%, são alunos do sexo masculino. Em contrapartida, as alunas mulheres compõem 59,1% das matrículas de pessoas acima de 30 anos.

Já quanto à cor/raça, observa-se que os alunos identificados como pretos(as) e pardos(as), isto é, negros(as) são prevaletentes nessa modalidade de ensino, tanto no fundamental (76,7%) quanto no médio (69,1%). A negritude os(as) torna ainda mais vulneráveis à violência, vivenciando diariamente a interseccionalidade da opressão - de raça, gênero e classe -, que estrutura

socialmente o nosso país. Conforme Kimberlé Crenshaw, estudiosa da teoria crítica da raça, interseccionalidade é

uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

O que conduz a outras questões: poderiam esses(as) estudantes ter uma reduzida visibilidade social associada à invisibilidade social por seus corpos denunciarem o rompimento de suas trajetórias escolares iniciais, causado por questões sociais e estruturais da nossa sociedade, historicamente pautada na violência e na desigualdade de gênero, de raça e de classe, na inexistência de políticas públicas intersetoriais que sejam eficazes e contínuas na manutenção de crianças e adolescentes nas escolas?

Já quanto a própria escola e a seleção dos conteúdos do currículo, segundo Santomé (1995), arbitrariamente se decide o que é considerado importante para ser ensinado, sendo que as culturas e vozes de determinados grupos sociais minoritários - como os jovens, terceira idade, trabalhadores, pobres - costumam ficar ausentes, ser silenciadas ou pior, quando presentes, esses grupos são apresentados de forma estereotipada e deformada, para que, dessa forma, sejam anuladas as possíveis reações e contestações.

Mas como romper com essa lógica perversa? Lógica essa que massifica, ignora ou nega: a diversidade (intergeracional, social, cultural, de gênero, de sexualidades, de cor/raça, etnia, religiosa, laboral, classes, entre outras), as pessoas com deficiências, o processo de juvenilização, as percepções, as representações, as histórias, os saberes situados, os lugares de fala e as subjetividades desses(as) estudantes. Essas proposições e reflexões servem como ponto de partida para a proposta pedagógica que será detalhada a seguir.

METODOLOGIA

Figura 3. Colega



Fonte: Gabriel Ribeiro Nunes, 2023

Figura 4. Retrato de Gabriel em ação



Fonte: Katiuci Pavei, 2023

A metodologia aplicada consiste em encontros semanais, nos quais busca-se apresentar e debater questões relacionadas à EJA, a saber, grupos sociais público-alvo, interseccionalidade, direito à educação, políticas públicas educacionais, dados nacionais, a instituição escola, desigualdades, trajetórias e experiência de vida escolar, retomada de estudos, projetos de vida.

Procura-se promover o olhar do(a) fotógrafo(a), envolvendo sensibilização, observação, estranhamento do familiar e do social, e a construção da representação de ideias, conceitos, dados e sentimentos em imagens. Propor exercícios de alfabetização visual e leitura de imagens são realizados (descrição, interpretação, contextualização) a partir de obras de fotógrafos(as) ativistas que retratam temáticas sociais, por meio de fotos documentais e retratos, cujo enfoque seja educação, escola, desigualdades, minorias sociais.

Analisar como a EJA é retratada no discurso social e narrativas públicas, bem como o algoritmo entende quais são os sujeitos escolares da educação básica. Discutir sobre imagens que faltam: necessidade de ampliação da visibilidade social da EJA e de seus sujeitos por meio de visualidades (imagens).

Realização de oficinas de introdução breve à fotografia (história, linhas e tipos); dicas básicas de fotografia: o olhar fotográfico e a luz/iluminação, as cores, o enquadramento, a composição etc. Debate sobre o direito à imagem, o consentimento e a ética na produção de fotos. Fomento de oficinas de acompanhamento de prática fotográfica (a) estudantes enquanto produtores(as) de fotos documentais e de retratos – por meio do uso de celulares e de máquinas fotográficas (b) estudantes enquanto retratados(as) – ensaios – autorretratos; oficinas de edição, organização, armazenamento de imagens.

Oportunizar momentos de registros descritivos e reflexivos por escrito e orais sobre as produções imagéticas. Suscitar rodas de socialização das fotos e trocas de impressões e experiências, culminando com a apresentação para a comunidade escolar por meio de exposição no saguão do colégio.

Vale lembrar que, por questão ética e de direito à imagem, todos(as) participantes foram esclarecidos(as) sobre as atividades e seus desdobramentos, autorizando por meio de documento o uso de suas fotografias, áudios e vídeos. Também, como demanda do campo e ideia de reinstituição, as produções foram devolvidas enquanto resultados para as pessoas envolvidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Figura 5. EJA é direito fundamental à educação



Fonte: Katiuci Pavei, 2023

Até o momento como resultados dessa ação pedagógica podemos destacar um forte engajamento dos(as) participantes e os sentimentos de orgulho de si diante de suas obras, totalizando 750 fotografias, duas publicações em periódicos acadêmicos, duas reportagens em sites de organizações educativas, prêmio de destaque de experiência pedagógica e observamos que, algumas imagens, já podem ser acessadas pelo portal de busca google imagens. Consideramos que a dinâmica exposta teve a capacidade de cativar os(as) estudantes através de reflexões individuais e coletivas.

Desdobramentos que serão feitos por projeto de extensão: fomentar exposições físicas na universidade e outros espaços culturais, criação de um repositório virtual, parcerias com escolas que também ofertam EJA para realizar oficinas. Além disso, serão produzidos com e sobre estudantes, vídeos com relatos de trajetórias, a partir de oficinas de introdução, prática e edição de audiovisuais, isto é, a imagem em movimento como outra forma de expressão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPLE, Michael W. **A educação pode mudar a sociedade?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ARROYO, Miguel G. **Passageiros da Noite: do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida mais justa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Resumo Técnico: **Censo Escolar da Educação Básica 2021.** Brasília, DF: Inep, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero.** Revista Estudos Feministas, v. 10, n. 1, p. 171–188, jan. 2002.

EGGERT, Edla. **Narrar processo: tramas da violência doméstica e possibilidades para educação.** Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HERNÁNDEZ, Fernando. Pesquisar com imagens, pesquisa sobre imagens: revelar aquilo que permanece invisível nas pedagogias da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Processos e práticas de pesquisa em cultura visual e educação**. Santa Maria: Editora da UFSM, 2013. p. 77-95.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. **Pnad Contínua**, 2020. Elaboração: Todos Pela Educação. Disponível em: <https://www.moderna.com.br/anuario-educacao-basica/2021/eja-educacao-de-juvencos-e-adultos.html>. Acesso em 01 maio 2023.

MILLS, Charles Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

PAVEI, Katiuci. **Visualidade e visibilidade da EJA do CAP/UFRGS**. Cadernos do Aplicação. Porto Alegre, ago.-dez.2019, v.32, n.2. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/95459/58494>. Acesso em 01 maio 2023.

PAVEI, Katiuci. **Visualidades da EJA do CAP/UFRGS: registros de um processo criativo**. Revista Perspectivas em Educação Básica. Rio de Janeiro, Ed. 03, 2019. Disponível em: <https://perspectivaseducacao.blogspot.com/2019/12/visualidades-da-eja-do-capufrgs.html>. Acesso em 01 maio 2023.

PAVEI, Katiuci. **Na EJA, professora realiza trabalho com fotos para demonstrar o papel da escola**. PORVIR. Diário de Inovações, 2021. Disponível em: <https://porvir.org/na-eja-professora-realiza-trabalho-com-fotos-para-demonstrar-o-papel-da-escola/>. Acesso em 01 maio 2023.

PAVEI, Katiuci. **EJA em foco: registros no Colégio de Aplicação da UFRGS**. DIVERSA, 2022. Disponível em: <https://diversa.org.br/relatos-de-experien>

[cias/eja-em-foco-registros-no-colegio-de-aplicacao-da-ufrgs/](#). Acesso em 01 maio 2023.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas no currículo. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 3. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 159-177.

SENADO FEDERAL. **Siga Brasil: Orçamento**. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/orcamento/sigabrasil>. Acesso em 01 maio 2023.